

Sarney pede mobilização das forças democráticas

O presidente José Sarney afirmou na sexta-feira em seu programa Conversa ao pé do rádio, divulgado pela agência oficial Radiobrás que as forças liberais dão sustentação ao projeto pela democracia, no mundo político, empresarial, sindical, universitário, artístico e eclesial, devem estar conscientes da necessidade de coesão de modo a evitar que tenhamos qualquer trauma na conclusão da transição, neste ano de escolha do novo presidente da República.

A seguir, a íntegra da fala do presidente.

"Brasileiras e brasileiros, bom-dia. Aqui vos fala o presidente José Sarney. Estamos iniciando a nossa costumeira Conversa ao pé do rádio. Hoje, sexta-feira, 30 de junho de 1989. Esta semana, para completar a ação saneadora destinada a preservar o mercado de ações, nomeei uma comissão para promover um amplo estudo, em profundidade, sobre a situação das bolsas de valores e mercado de capitais em geral com o objetivo de impedir definitivamente a repetição dos fatos que abalaram as bolsas de valores do Rio de Janeiro e São Paulo nas últimas semanas.

Sem prejuízo dos inqueritos da Comissão de Valores Mobiliários e da Polícia Federal e que resultarão ações penais, comissões essas que já estão funcionando, pedi ao ministro da Fazenda para organizar essa comissão de alto nível que permita a elaboração de uma legislação civil e penal, moderna e operativa, que preveja, tipifique e condene os atos especulativos contrários às regras de segurança do mercado. Fazem parte dessa comissão as figuras mais expressivas da economia nacional. Neste episódio, é bom lembrar, o governo não colocou um tostão de dinheiro público. No regime capitalista, as leis de mercado e risco têm de funcionar. E assim que se faz a democracia econômica. Em 1987, quando ocorreu o último 'crash' na bolsa de Nova York, o governo também nomeou uma comissão, chamada Comissão Brady, chefiada pelo atual secretário do Tesouro dos Estados Unidos. Sua missão era propor medidas destinadas a restaurar a credibilidade do mercado de ações. Nós estamos fazendo e vamos fazer a mesma coisa.

Outro assunto que desejo tratar nesta conversa é a questão do selo-pedágio e a conservação de nossas rodovias. Eu quero explicar que o governo federal ainda não começou a aplicar os recursos arrecadados pelo selo-pedágio e destinados à conservação de nossas rodovias, porque depende de uma lei que está no Congresso aguardando aprovação.

O Ministério dos Transportes não pode ainda aplicar os 60 milhões arrecadados até agora pelo selo-pedágio, porque, como eu disse, não tem a lei do Congresso que fornece a necessária cobertura orçamentária. Essa demora, sem dúvida, está acarretando sérios prejuízos à população. Mas nós esperamos que até o fim do mês essa lei seja aprovada e o DNER possa começar o seu trabalho.

Nessa área de transportes, é bom lembrar que o governo federal, através do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, já está liberando 46 milhões de cruzados novos para a aquisição de vagões e outros equipamentos para as linhas 1 e 2 do metrô, do Rio de Janeiro. É preciso também não esquecer que o governo federal está cumprindo rigorosamente a Lei 7.730, de janeiro deste ano, que condiciona as despesas à existência de recursos. De acordo com essa lei, o governo, se não arrecadar, não pode gastar. Nosso objetivo é evitar por todos os modos que a economia possa fugir dos nossos controles. Muitas vezes temos de tomar medidas difíceis e duras nestes tempos em que não é fácil governar o nosso

País. Mas a verdade é que o governo não dispõe de recursos e, por isso, não pode fazer liberalidades com o dinheiro do povo.

Agora quero lembrar que num ano eleitoral, duas desgraças não podem acontecer. Primeiro, a demagogia eleitoral de distribuir favores que depois irão desaparecer com a desgraça da hiperinflação. A segunda é a paixão incontida que baixa o nível da campanha e se constitui num retrocesso para o processo democrático. Devemos manter a luta presidencial em termos elevados, com a discussão dos nossos problemas e propostas de solução. Assim, nós estaremos consolidando a democracia brasileira e as nossas instituições. O que sempre tenho pregado é que existe um terreno comum fora do partidarismo, fora dos interesses grupais, que é o interesse coletivo e o interesse de todos nós é o interesse do País. Nesse terreno, nós devemos então encontrar meios de, todos juntos, proteger a transição democrática ante a escalada de processos que possam desvirtuar a nossa marcha institucional.

As forças liberais que dão sustentação ao projeto pela democracia, no mundo político, sindical, empresarial, universitário, artístico, eclesial, enfim, em todos os segmentos de atividades devem estar seguramente conscientes da necessidade dessa coesão, de modo a evitar que tenhamos qualquer trauma na conclusão dessa transição tão difícil, tão penosa, mas sem dúvida de grandes méritos para o futuro do País. Mas essa consciência não basta. É preciso também que todas as lideranças democráticas se mobilizem e ofereçam uma contribuição concreta aos poderes constituídos para que não se forme no País nenhum quadro de radicalização. Precisamos conduzir o processo eleitoral num clima civilizado, num debate de idéias, num confronto de opiniões e de propostas, dentro da mais estrita observância das regras do pluralismo democrático.

Neste sentido, tenho dado permanentes instruções as nossas lideranças no Congresso para que discutam com as demais lideranças as bases desse consenso, que pode não ser um consenso formal, mas que é uma consciência de se resguardar a transição democrática. As forças liberais que atuam fora do Congresso, no seio da sociedade civil, estão convocadas a colaborar nesse programa de ação, cujo único objetivo, devo repetir, é garantir a pacífica consolidação da democracia brasileira.

A minha posição, nesse processo, será uma posição, como eu tenho dito, de acompanhar a sucessão presidencial, dela não participar, nela não me intermeter e procurar que ela seja a mais democrática possível e que o governo não tenha nenhuma ingerência em seu desenvolvimento. Para terminar, eu quero dizer que, como sempre, eu continuo a manter o meu otimismo quanto ao nosso País. Por exemplo, a taxa média do desemprego nas seis principais regiões metropolitanas situou-se em 3,94% em abril último, que é o número que nós dispomos, inferior aos 4,08% registrados e observados em abril do ano passado. Esta taxa é também inferior a de março, quando o desemprego atingiu 4,18%. Continuamos com uma das mais baixas taxas de desemprego, não somente da América Latina como do mundo, principalmente nos países industrializados. Nós estamos com uma taxa baixa, o que mostra que, até hoje, nós não tivemos recessão e não tivemos desemprego, e que, se temos inflação alta, também temos procurado corrigir os salários, de modo que eles não sejam punidos pelo processo inflacionário, prejudicando, assim, o seu poder aquisitivo.

Finalmente, a todas as brasileiras e brasileiros a minha mensagem de confiança no nosso País. Como sempre tenho dito, nós iremos vencer. Atravessaremos todas as tempestades, porque este país foi feito para ser um grande País. Bom-dia e muito obrigado."

DIÁRIO OFICIAL
 ASSINE E RECEBA NO DIA DA EDIÇÃO ASSINE OFICIAL